

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO ECONÔMICO – DEPE  
CENTRO TÉCNICO ECONÔMICO DE APOIO À EMPRESARIAL – CTAE  
CENTRO BRASILEIRO DE APOIO À PEQUENA E MÉDIA EMPRESA DO  
ESTADO DE SÃO PAULO – CEAGE-SP**

**CARACTERIZAÇÃO E DESEMPENHO  
DO SETOR TÊXTIL NO BRASIL**

**1970 A 1980**

**William Massei**

**Material de uso exclusivo do CTAE / UNICAMP  
Programa Indústria Têxtil de Americana**

**G<sup>2</sup> . 21.01.81.60/19**

## **Desempenho Recente da Economia Brasileira**

### **1. Desempenho Recente da Economia Brasileira**

E nossa preocupação a descrição do desempenho da economia brasileira na década de 70, no que será concluída com idêntica abordagem a respeito do comportamento do setor têxtil.

O Brasil, fato amplamente já apontado, atravessou uma rápida expansão econômica no período de 1968 a 1974, período em que o PIB cresceu a uma taxa média de 11,2% ao ano em termos reais. Destacando-se como marco dessa fase o ano de 1973 quando se atingiu a taxa de 14%. O quinquênio 1974 a 1978 por sua vez caracterizou-se por desaceleração do crescimento econômico, fato este expresso pela taxa média de crescimento do PIB no período, pelo qual seja, 7,2% ao ano, conforme quadro 1. A indústria foi o setor líder crescendo a uma taxa média de 14% entre 1971 a 1973 e 6,6% entre 1974 a 1977, enquanto a agricultura crescia bem menos, em torno de 5% ao ano no período. Como característica importante a acentuar é o fato de que a década de 70 foi também um período onde a economia brasileira experimentou outro ciclo econômico de médio prazo. Explicando melhor, tivemos os anos de 1963 a 1967 caracterizando-se por forte recessão das atividades econômicas. Uma consequência imediata foi o surgimento da capacidade ociosa na economia e, sobretudo na atividade industrial. Portanto a retomada do crescimento se processa a partir de 1968, a taxas elevadas com crescimento se processa a partir de 1968, taxas elevadas com certa margem na ociosidade no setor produtivo, conforme quadro 2.

### **2. Desempenho do Setor Industrial**

Todos os indicadores de expansão de oferta se manifestam, por exemplo, com evolução das escaladas de investimentos que começam a acelerar-se em 1970, e com importações crescentes de bens de capital e matérias primas. Os setores que lideram essa retomada da industrialização foram àqueles pertencentes ao segmento de mercado de produtos duráveis de consumo e de

bens de capital e outros setores resultantes de seus desdobramentos. Assim sendo, tivemos no período de 1969 a 1972 o setor mecânico crescendo a 23%, material de transporte 16,4%, metalurgia 10,8%, material elétrico 13,6%, etc.

Convém explicar, que a expansão desses setores está atrelada à política de investimento estatal, que através de seus gastos em estradas, siderurgia, energia, que no período foram consideráveis, os quais no conjunto constituíram num poderoso efeito inter-setorial provocando o aumento da expansão da oferta.

Do lado da demanda, a fase de crescimento foi enquadrada por medidas que se consubstanciaram, no estímulo a aquisição de bens de consumo duráveis, financiamento da construção e compra de imóveis residenciais, a criação de incentivos as exportações através de sistemas de isenções e créditos fiscais e com uma política salarial favorecendo a concentração da renda, propiciando a diferenciação do consumo, etc.

Ao contrário do que ocorreu com setores líderes, a resposta dada a retomada de crescimento, por parte dos setores tradicionais, bens de consumo não duráveis, só teve efeito intenso a partir de 1973. No período de 1969 a 1972,, a indústria têxtil cresceu 1,4% ao ano, produtos alimentares 7,6%. Isso se explica pela natureza de sua demanda, voltada inteiramente para fora do movimento dinâmico que se ora processava.

O período 1967 a 1973 pode ser também caracterizado por um momento de “boom” simultâneo nas economias avançadas, isto se explica pelo aumento do comércio mundial a taxa média anual de quase 18% em termos de dólares, aliado ao consumo da liquidez internacional. Neste período as exportações brasileiras expandiram-se a aproximadamente 25% ao ano.

A partir de 1975 se manifestam sinais de recuo na atividade industrial. Justifica-se tal inversão, devido ao fato que a taxa de acumulação já em 1973 indicava 35% (ver CICLO E CRISE – MC Tavares), isto significa dizer, que em 3 anos dobrar-se-ia a capacidade produtiva. Esta tendência seria insustentável, no entanto a capacidade produtiva elevou-se no período após 1974, conforme

Quadro 3 e Quadro 4 o que levou a um confronto entre a capacidade produtiva e demanda efetiva da indústria.

Apesar do crescimento da economia ser dimensionado pelo comportamento dos bens duráveis de consumo, bens de capital e garantias em parte pelo setor público, constituem, no entanto, uma base de sustentação insuficiente, sem autonomia para dar seqüência à dinâmica da economia. Portanto o que se verifica em determinado momento, ou seja, 1974, foi à reversão dos níveis de investimentos visualizados pela queda na taxa de rentabilidade em setores que aplicaram na capacidade produtiva sem dar conta da insuficiência de demanda.

### **3. Setor Têxtil – na Economia Brasileira**

O setor têxtil é o 4º em participação na indústria, abaixo da alimentar, metalúrgica e química e pertencente ao grupo dos bens de consumo não duráveis. Seu comportamento no período em que analisamos segue de certa forma trajetória idêntica a atividade industrial como um todo. Assim sendo, investiram e modernizaram maciçamente no período de auge, para tanto basta observar os indicadores de investimentos do CDI, importação de máquinas e equipamentos e a posição de investimentos que nos anos 1973 e 1974, foram aprovados projetos via CDI num montante superior a 50% do total acumulado de 1969 a 1979. O setor têxtil, cuja demanda estava vinculada as condições de aumento de emprego e salários urbanos, acompanhou os movimentos ligados a expansão industrial, cabendo ressaltar o papel exercido pelas exportações no período.

Isso, no entanto, deixa perceptível que a modernização e ampliação da capacidade produtiva do setor é provocada por saltos, o que provoca efeitos danosos sobre a produção de máquinas e desenvolvimento de tecnologias do setor, ao mesmo tempo em que amplia as importações.

Nota obstante a sua magnitude já apontada em participação na indústria de transformação, a mesma não tem correspondência com a capacidade de irradiar efeitos sobre investimentos que permitissem a compor liderança juntamente com outros setores com características análogas na dinâmica industrial. Suas

características fundamentais se afluam quando se destaca o mercado, onde dispõem de amplos e diversificados segmentos, privilegiando a grande quantidade produzida. Como já observamos, seu desempenho está a reboque dos setores líderes não significando, entretanto que ao longo do tempo seu desenvolvimento esteja comprometido, dado que sua demanda é expressa pelas condições de urbanização e consumo de massa.

#### **4. Uma Crítica à Política Financeira ao Setor Industrial**

Com as modificações institucionais e a nova legislação introduzida pela reforma de base prevaiente a partir de 1964, tendo em conta as reformas bancárias, monetárias e do mercado de capitais, resultou numa reorganização do sistema financeiro. Em decorrência disso, o sistema bancário perdeu posição relativa em favor dos intermediários financeiros não bancários. Se em 1964 88,4% dos ativos monetários eram constituídos de papel moeda e depósitos á vista, em 1978, por exemplo, sua participação cai para 30,8% (conforme Quadro 7).

Essa transformação criou um leque de opções para mobilização de recursos engrossando o sistema financeiro, onde o próprio governo, através da aplicação de títulos públicos, voltou-se para o financiamento junto ao sistema financeiro (Quadro 8).

Isto levou o financiamento industrial a sofrer mudança, na medida em que os agentes financeiros promoveram a especialização intencionada pela política econômica. Se não vejamos: os depósitos de poupança e letras imobiliárias estão vinculadas com o financiamento da construção de habitação; letras de câmbio de depósitos a prazo, com o crédito direto ao consumidor, para bens de consumo durável e o capital de giro; os títulos público, vinculados com o financiamento dos gastos governamentais. Convém destacar, que com exceção dos recursos voltados ao sistema financeiro de habitação aos demais casos, constituem-se em financiamentos de curto e médio prazo (Quadro 9).

Na composição de haveres financeiros, resta explicar o comportamento do componente haveres financeiros monetários (deposito a vista), que se constituem

na principal fonte de recursos repassados ao setor industrial com forte predominância de aplicação em curto prazo.

Assim sendo tivemos, que as taxas de evolução real dos empréstimos ao setor privado se situaram no auge ao redor de 22% ao ano, declinando, no entanto, em períodos recentes a 065% ao ano (conforme Quadro 10).

A despeito das reduções reais promovidas, vem mantendo sua participação nos financiamentos para gastos correntes ao setor industrial em forma crescente, exceção feita a carteira do Banco do Brasil que nos períodos analisados vem declinando sua participação, conforme demonstram os quadros 9, 12 e 13.

Os empréstimos em longo prazo para investimento fixo, no setor industrial, continuam presos aos esquemas financeiros de empréstimos e financiamentos do exterior, das agencias governamentais e outros fundos específicos.

Não menos importante, é verificar que este modelo de financiamento foi engendrado em perfeita sintonia com a proposta de crescimento econômico que se verificava.

Pelo que já apontamos, entendemos que o setor têxtil desconhece, igualmente os demais setores, da existência de uma política econômica que permita a formulação de uma política financeira. Isto é decorrência dos objetivos da política econômica voltada para o curto prazo, geralmente contemplada com soluções de questões sobre déficit do balanço de pagamentos, aumento das exportações, etc.

A despeito dos inúmeros órgãos nas diversas esferas do governo, no entanto com raras exceções não existem pontos de convergência ligados a objetivos que pudessem explicar o estabelecimento de uma política financeira. Isto explica as constantes alterações nas disposições normativas desses órgãos, na medida em que oscilam as questões conjunturais.

A rigor os poucos benefícios a poucos, que esse segmento industrial vem obtendo, estão identificados com a política econômica global, que as empresas

isso significa de forma restrita estarem dependentes dos avanços e recuos da economia e do poder de mercado existente dentro da estrutura industrial.

## TABELAS



## TAXAS DE VARIAÇÃO DO PIB - %

Quadro 1

Ano	Agricultura	Industria	Comércio	Comunicação	Global
				e Transportes	
1972	4,1	13,4	12,7	11,9	11,7
1973	3,5	15,8	14,8	17,1	14,0
1974	8,5	9,8	9,3	12,7	9,8
1975	3,4	6,2	3,5	11,8	5,6
1976	4,2	10,7	8,7	7,5	9,0
1977	9,6	3,9	3,5	4,1	4,7
1978	-1,7	8,1	5,9	6,8	6,0

Fonte: Relatório do Banco Central do Brasil - 1978

Vol. 15, No3 - Março de 1979

**INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO**  
**- TAXAS MÉDIAS ANUAIS DE CRESCIMENTO,**  
**SEGUNDO GÊNEROS DE INDÚSTRIA,**  
**1966 A 1972 - (EM %)**

Quadro 2

Gêneros	1966/1969	1969/1972	1966/1972
Materiais não Metálicos	11,0	11,7	11,3
Metalurgia	9,8	10,8	10,3
Mecânica	9,9	23,0	16,2
Material Elétrico	15,8	13,6	14,7
Material de Transporte	13,0	16,4	14,7
Madeira	9,7	-	-
Mobiliário	-2,5	-	-
Papel e Papelão	11,6	4,6	8,0
Borracha	9,5	14,6	12,1
Couros e Peles	6,4	-	-
Química	10,3	15,0	12,6
Produtos e perfumarias	13,7	-	-
Textil	6,0	1,4	3,7
Vestuário e Calçados	6,0	10,2	8,0
Produtos Alimentares	11,0	7,6	9,8
Bebidas	3,3	7,6	5,4
Fumo	6,0	5,7	5,8
<b>TOTAL</b>	<b>9,5</b>	<b>11,1</b>	<b>10,3</b>

Fontes: Wilson Suzigan e outros, Crescimento Industrial no Brasil

Rel. No26 IDEA

## TAXAS DE CRESCIMENTO DA INDUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO % - 1973 A 1977

Quadro 3

GÊNEROS	PARTICIPAÇÃO NO INVESTIMENTO (1)					PARTICIPAÇÃO NO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO (VBL)				
	1973	1974	1975	1976	1977	1973	1974	1975	1976	1977
BENS DE PRODUÇÃO	85,1	86,1	86,0	83,8	86,7	60,1	61,5	62,4	63,3	63,5
Materiais não Metálicos	4,5	3,9	4,4	4,7	4,9	4,2	4,5	4,7	4,8	5,0
Metalurgia	29,4	38,8	38,6	38,4	42,2	15,0	14,7	15,4	15,5	16,3
Mecânica	3,9	4,5	6,3	6,4	5,4	8,9	9,3	10,2	10,4	9,5
Material Elétrico e de Comunicação	8,6	6,3	5,7	5,5	5,5	6,1	6,2	6,0	6,3	6,3
Material de Transporte	21,5	17,5	17,7	16,7	15,1	11,0	12,2	11,7	11,2	10,7
Química	17,2	15,1	13,3	12,1	13,6	14,9	14,6	14,4	15,1	15,7
BENS DE CONSUMO	14,9	13,9	14,0	16,2	13,3	39,9	38,5	37,4	36,7	36,5
Farmacêutica	0,8	0,9	1,6	2,7	2,5	2,4	2,5	2,5	2,7	2,3
Textil	5,7	5,1	5,9	5,3	3,3	11,2	10,1	9,9	9,3	9,2
Vestuário e Calçados	1,2	1,3	1,2	1,6	1,1	4,2	4,1	4,3	4,0	3,7
Produtos Alimentares	7,2	6,6	5,3	6,6	6,4	22,1	21,8	20,9	20,7	21,3
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

GÊNEROS	TXAS DE CRESCIMENTO									
	1973/1974		1974/1975		1975/1976		1976/1977		1973/1977	
	1	VBP	1	VBP	1	VBP	1	VBP	1	VBP
BENS DE PRODUÇÃO	32,4	9,9	6,3	5,9	-14,1	13,9	7,9	2,5	30,6	35,0
Materiais não Metálicos	15,0	14,8	17,7	9,0	-4,3	12,0	8,6	8,3	40,6	51,0
Metalurgia	72,5	5,2	6,2	9,2	-12,5	13,5	14,8	7,2	84,1	39,0
Mecânica	48,6	11,7	49,5	15,1	-9,5	14,8	-11,9	-6,5	77,1	38,0
Material Elétrico e de Comunicação	-3,9	10,3	-4,8	0,5	-15,1	18,4	5,4	1,4	-18,2	33,0
Material de Transporte	6,5	18,9	8,2	0,5	-17,1	7,3	-6,1	-2,6	-10,2	24,0
Química	15,1	5,4	-6,4	2,5	-19,5	17,8	16,8	6,5	1,3	35,0
BENS DE CONSUMO	21,8	3,0	8,1	1,6	1,8	10,2	-14,6	1,7	14,4	17,0
Farmacêutica	39,8	11,5	97,4	5,1	46,3	19,1	-6,3	-13,8	278,3	20,0
Textil	18,2	-3,5	23,8	2,3	-20,9	6,2	-34,6	0,5	-24,2	5,0
Vestuário e Calçados	38,2	2,1	0,6	7,2	11,7	8,3	-28,8	-5,1	10,6	12,0
Produtos Alimentares	19,7	5,5	-14,8	-0,1	11,2	11,3	1,4	5,6	14,9	23
<b>TOTAL</b>	<b>30,8</b>	<b>7,1</b>	<b>6,6</b>	<b>4,3</b>	<b>-11,8</b>	<b>12,5</b>	<b>4,3</b>	<b>2,2</b>	<b>28,2</b>	<b>28</b>

Fontes: Conjuntura Econômica (Outubro de 1975 e Dezembro de 1977)

Pesquisa Industrial (1973) o Quadro 1

Reproduzido por Bonelli, R e Werneck, D.F., - op.cit.

**CRESCIMENTO DA INDUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO  
SEGUNDO TIPOS DE BENS (1965 - 1977) - %**

Quadro 4

<b>INDUSTRIA</b>	<b>1965/1967</b>	<b>1967/1970</b>	<b>1971/1973</b>	<b>1974/1977</b>
BENS DE CONSUMO	4,8	11,6	12,3	4,5
1 - Durável	13,4	21,9	*(21,2)	5,5
1.1. Transporte	13,1	23,9	24,5	-1
1.2. Elétricos	13,9	17,4	28	16
2 - Não Durável	3,6	9,7	*(13,3)	4,2
 BENS DE PRODUÇÃO	 9,1	 13,7	 15,7	 8,6
1 - Capital	4,5	13,7	*(39,0)	8,4
2 - Intermediários	10,8	13,7	*(17,0)	8,7
<b>TOTAL</b>	<b>6,8</b>	<b>12,6</b>	<b>*(17,5)</b>	<b>14</b>
				<b>6,6</b>

Fontes: 1- R. Bonelli e D.Werneck, "Desempenho Industrial - Auge e Desaceleração nos anos 70", in W. Suzigan - Instituições e Desenvolvimento IPEA/INPES, seria monográfica No.28,1978.  
2- \*Maria Conceição Tavares, Ciclo e Crise - O Movimento recente da Industrialização Brasileira.

**CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL**  
**PROJETOS APROVADOS PARA A INDUSTRIA TEXTIL**  
**(INVESTIMENTOS FIXOS - EM CR\$1.000)**

Quadro 5

Setores Industriais	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979 (1)	Soma	%
Textil Química	215.785	200.209	371.489	293.367	832.280	257.469	4.758	79.334	-	15.204	-	2.269.895	21,50%
Fiação, Tecelagem e Acabamento	104.836	207.867	199.002	414.644	1.562.597	2.095.425	696.564	463.877	117.989	97.363	108.293	6.068.457	57,50%
Tecelagem, Acabamento e confecções de Malha	47.344	31.206	28.053	134.961	515.530	328.462	9.790	-	-	-	-	1.095.346	10,50%
Meias	13.988	1.085	2.345	1.926	9.201	2.928	-	-	-	-	-	31.473	0,50%
Texturização	12.977	2.110	12.337	68.959	78.729	2.933	19.039	-	-	-	2.204	199.288	1,50%
Especialidades Texteis	32.003	50.535	144.539	60.190	196.924	164.814	155.883	51.097	-	-	16.987	872.972	8,50%
<b>TOTAL</b>	<b>425.933</b>	<b>493.312</b>	<b>757.765</b>	<b>974.047</b>	<b>3.195.261</b>	<b>2.852.021</b>	<b>886.034</b>	<b>594.308</b>	<b>117.989</b>	<b>112.567</b>	<b>127.484</b>	<b>10.536.721</b>	<b>100,00%</b>
Taxa de Crescimento (%)	-	15,8	53,6	28,6	328,0	(-10,7)	(-68,9)	(-32,9)	(-80,1)	(-4,2)	13,2	-	-

Fonte: Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, no Estado de São Paulo - Ministério da Indústria e do Comércio - CDI

O levantamento supra não abrange os investimentos realizados sem intervenção do CDI - ( 1 ) Janeiro / Setembro 1979.

**POSIÇÃO DE INVESTIMENTOS DIRETOS E**  
**INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS NO BRASIL**  
**- SETOR TEXTIL**

Quadro 6

Ano	Posição	Evolução (VR)
1971	69.711	
1972	75.033	5.292
1973	122.572	47.569
1974	193.414	70.422
1975	229.836	36.422
1976	243.944	14.108
1977	234.568	(-9.876)
1978	345.685	111.117
1979	353.086	7.401

Fonte: Boletim do Banco Central do Brasil

Vol. 16 No.7 - julho de 1980

**EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DOS HAVERES FINANCEIROS EM PORDER DO PÚBLICO  
COMPOSIÇÃO % (CALCULADOS S/ VALORES CORRENTES)**

Quadro 7

	1964	1968	1970	1973	1976	1978*
<b>Ativos Monetários</b>	88,4	65,1	55,7	43,3	36,3	30,8
Papel Moeda	18,8	12,5	10,6	7,6	6,8	5,5
Depósito a vista	69,6	52,6	45,1	35,7	29,5	25,3
<b>Ativos Não Monetários</b>	11,6	34,9	44,3	56,7	63,7	69,2
Depósito de Poupança	-	1,0	3,3	6,5	15,7	18,8
Depósito a Prazo	-	4,5	7,0	11,9	10,7	14,5
Letras de cambio	2,7	14,0	13,0	16,1	10,0	8,7
Letras imobiliárias	4,2	2,0	3,2	3,1	1,4	0,8
Ortn's	-	10,7	14,9	9,7	12,3	10,8
Ltn's	-	-	1,1	8,0	10,2	12,8
Letras Estaduais	-	2,0	1,8	1,5	3,4	2,8
Subtotal	0,7	12,7	17,8	19,2	25,9	26,4
Letras Importação e Exportação do B:B	4,0	-	-	-	-	-
<b>Total Geral</b>	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Boletim do Banco Central, Vol.14, No., setembro de 1978 e Vol.12 No4 de 1975

\*Dados para 1978 (totais acumulados até agosto)

**PRINCIPAIS HAVERES FINANCEIROS SLADOS EM FINS DE PERÍODO (EM MILHÕES DE CR\$)**

	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	Quadro 8 1980
<b>Ativos Monetários</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Papel moeda em poder do público	11.547	16.427	20.807	31.031	46.193	65.205	94.073	167.315	169.459
Depósito a vista	52.282	77.408	104.378	148.314	202.152	277.065	389.017	669.996	868.263
1 - Sub Total	63.829	93.835	125185	179345	248345	342270	483090	837311	1037722
<b>Ativos Não Monetários</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Depósito de Poupança	7.713	14.122	28.925	55.234	107.530	177.280	288.660	517.655	747547
Depósito a Prazo	17.017	25.811	33.471	54.568	73.132	133.054	226.457	362.751	461.783
letras de Cambio	20.973	34.820	42.608	55.809	68.392	81.571	130.968	186.684	236.594
Letras imobiliárias	5.015	6.517	8.287	8.937	9.779	10.809	10.900	12.130	13.908
OkTH'S	15.975	20.944	32.968	60.112	84.397	119.390	163.046	251.159	365.675
LTH'S	10.204	17.400	14.801	37.400	69.404	121.001	194.508	270.029	211.402
Letras Estaduais	1.721	3.232	5.417	13.834	23.230	31.125	46.665	84.313	100.340
Outros	-	-	32	36	88	101	296	340	361
2 - Sub Total	76.618	122.846	166.509	285.930	435.961	674.331	1.061.500	1.685	2.137.610
<b>TOTAL GERAL (1+2)</b>	<b>142.447</b>	<b>216.681</b>	<b>291.694</b>	<b>465.275</b>	<b>684.306</b>	<b>1.016.601</b>	<b>1.544.590</b>	<b>2.522.372</b>	<b>3.175.332</b>

Fonte: Dados do Boletim do Banco Central do Brasil Vol.16, No7 Julho/1980

Dados para 1980 são acumulados até junho

**EMPRÉSTIMO DO SISTEMA FINANCEIRO DO SETOR PRIVADO  
SALDO EM FINS DE PERÍODO, EM MILHÕES DE CR\$**

Quadro 9

	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
<b>Sistema Monetário</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bancos Comerciais:	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Banco Do Brasil	30.277	45.422	80.643	132.728	214.115	318.446	437.896	720.726	968.162
Federais	3.646	5.086	7.981	12.327	18.119	27.540	38.974	64.427	87.616
Estaduais	11.299	18.307	29.562	46.631	72.689	112.332	117.208	307.002	421.293
Privados	36.338	50.509	71.477	105.592	156.424	236.975	375.333	638.237	852.784
1 - Sub Total	81.560	119.324	189.663	297.278	461.347	695.113	1.029.411	1.730.392	2.329.805
<b>Sistema Não Monetário</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Finaceiras	19.801	35.964	44.984	60.113	75.711	98.972	154.415	219.738	270.041
Bancos de Investimentos	19.342	30.293	40.653	63.182	91.905	142.264	212.906	367.462	462.375
BNH	14.359	22.323	30.102	57.117	99.797	166.807	265.049	427.677	613.271
SCI	8.624	14.536	23.330	32.728	55.126	88.878	132.959	212.834	325.337
APE	1.436	2.649	4.834	7.876	15.684	28.245	46.140	79.487	108918
Caixa Economica Federal	7.196	11.579	20.484	40.806	72.266	109.358	150.431	224.868	302.502
Caixas Econômicas Estaduais	2.849	5.070	8.423	14.170	30.335	45.608	69.451	108.499	139.745
BNDE	6.681	10.588	23.464	46.948	88.371	148.273	239.647	409.624	563.594
Banco Estaduais de Desenvolvimento	2.290	4.055	7.923	14.292	27.883	442.506	67.542	107.895	147.505
PIS	674	2.512	5.046	4.565	6.275	7.057	8.289	10.986	11.586
BNCC	220	275	555	1.374	2.202	2.826	3.866	7.636	10.676
2 - Sub Total	71.815	119.138	181.146	282.302	453.952	687.522	1.036.520	1.658.126	2.216.455
<b>TOTAL GERAL (1+2)</b>	<b>153.375</b>	<b>238.462</b>	<b>370.809</b>	<b>579.580</b>	<b>915.299</b>	<b>1.382.635</b>	<b>2.065.931</b>	<b>3.388.518</b>	<b>4.546.260</b>

**SISTEMA FINANCEIRO**  
**EVOLUÇÃO RELA DOS EMPRÉSTIMOS E FINANCIAMENTOS**  
**AO SETOR PRIVADO, POR INSTITUIÇÕES**

Quadro 10

<b>TAXA DE CRESCIMENTO</b> <b>- A PREÇO DE 1970</b>	<b>1967/1964</b>	<b>1970/1967</b>	<b>1973/1970</b>	<b>1976/1973</b>	<b>1978/1976 (1)</b>
Bancos Comerciais	11,71	19,16	22,84	13,03	0,65
Bancos Comerciais Oficiais			21,20	18,16	0,73
Bancos Comerciais Privados			23,73	9,96	61,00
Banco do Brasil*	7,13	41,07	16,03	26,64	0,03
Bancos de Investimentos	3,57	60,14	49,61	9,34	0,56
Sistema Financeiro Habitacional		95,80	35,04	28,98	1,31 (2)
Caixa Economica Federal		21,15	27,29	10,39	0,46
Caixas Econômicas Estaduais		21,38	60,43	25,42	0,51
Financeiras		31,54	51,03	-2,99	-0,36
BNDE*	-7,10	53,06	3,77	72,07	1,10

Fontes: 1 - Boletim do Banco Central do Brasil, Vol.14, No. 11, novembro de 1978

2 - Boletim do Banco Central do Brasil, Vol.10, No.10, outubro de 1974

3 - Boletim do Banco Central do Brasil, Vol.11, No.05, maio de 1975

\* Modificações a partir de 1970 - nova contabilização das contas do BB e do BNDE.

(1) Até Agosto de 1978, inclusive, taxa mensal equivalente.

(2) Só BNH.

**APLICAÇÃO DOS BANCOS COMERCIAIS - BANCO DO BRASIL - POR TIPO DE ATIVIDADE**  
**SALDO EM FIM DO PERÍODO CR\$ MILHÕES**

Quadro 11

<b>Discriminação</b>	<b>1971</b>	<b>1972</b>	<b>1973</b>	<b>1974</b>	<b>1975</b>	<b>1976</b>	<b>1977</b>	<b>1978</b>	<b>1979</b>	<b>1980</b>
Agropecuária	7.901	12.512	19.033	33.096	59.997	92.373	136.484	184.156	318.635	397.282
Indústria	5.877	8.138	12.706	23.154	40.101	59.998	75.982	98.199	148.999	139.813
Serviços (Comercio)	5.836	6.459	8.885	15.927	20.495	39.274	64.981	93.014	148.115	179.278
Outros	-	3.168	4.799	8.466	12.135	22.470	40.999	62.527	104.977	-
<b>TOTAL</b>	-	-	45.422	80.643	132.728	214.115	318.446	437.896	720.726	-
% da Industria	-	-	27,9	28,7	30,2	28,0	23,9	22,4	20,6	*24,7

Fonte: Boletim do Banco Central do Brasil

Vol.16, No. 7 de julho de 1980

Obs: Para os dados relativos a 1980 foram saldo até maio de 1980

\*Valor Ajustado



**APLICAÇÃO DOS TRAÇOS COMERCIAIS PRIVADOS - POR TIPO DE ATIVIDADE  
SALDO EM FIM DE PERÍODO CR\$ MILHÕES**

Quadro 12

<b>Discriminação</b>	<b>1971</b>	<b>1972</b>	<b>1973</b>	<b>1974</b>	<b>1975</b>	<b>1976</b>	<b>1977</b>	<b>1978</b>	<b>1979</b>	<b>1980</b>
Agropecuária	4.306	5.680	9.765	14.451	23.762	34.102	44.241	51.601	-	-
Indústria	9.730	14.869	20.562	28.830	41.052	59.434	86.407	133.501	-	-
Comercio (Serviço)	13.648	19.672	26.988	43.724	67.226	107.613	176.009	288.067	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>27.684</b>	<b>40.221</b>	<b>57.315</b>	<b>87.005</b>	<b>132.040</b>	<b>201.149</b>	<b>306.657</b>	<b>473.169</b>	-	-
% da Industria	49,3	48,9	47,0	50,0	50,0	53,4	57,4	60,8	-	-

Fonte: Boletim do Banco Central do Brasil  
Vol.16, No. 7 de julho de 1980

**APLICAÇÃO DOS TRAÇOS COMERCIAIS FEDERAIS E ESTADUAIS - POR TIPO DE ATIVIDADE  
SALDO EM FIM DE PERÍODO CR\$ MILHÕES**

Quadro 13

<b>Discriminação</b>	<b>1971</b>	<b>1972</b>	<b>1973</b>	<b>1974</b>	<b>1975</b>	<b>1976</b>	<b>1977</b>	<b>1978</b>	<b>1979</b>	<b>1980</b>
Agropecuária	1.932	2.665	4.325	6.790	10.969	16.597	20.523	25.344	-	-
Indústria	3.966	5.970	9.390	16.702	26.172	44.136	74.884	126.919	-	-
Comercio (Serviço)	2.348	3.602	4.988	7.565	11.308	15.790	22.835	31.864	-	-
Outros	-	2.708	4.690	6.486	10.509	14.285	21.630	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>14.945</b>	<b>23.393</b>	<b>37.543</b>	<b>58.958</b>	<b>90.808</b>	<b>139.872</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
% da Industria	-	39,9	40,0	44,5	44,4	48,6	53,5	-	-	-

Fonte: Boletim do Banco Central do Brasil  
Vol.16, No. 7 de julho de 1980